

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**ESCOLA DE BELAS ARTES**

**JULIO CESAR DE SENNA**

**RECURSOS VÍDEO-CINEMÁTICOS NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL**

Belo Horizonte Minas Gerais

2013

JULIO CESAR DE SENNA

## RECURSOS VÍDEO-CINEMÁTICOS NA ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL

Trabalho de Conclusão de curso  
apresentado à Universidade Federal de  
Minas Gerais – UFMG como requisito final  
para a obtenção do título de Bacharel em  
Cinema de Animação

Orientador: Mauricio Silva Gino

Belo Horizonte Minas Gerais

2013

## RESUMO

O texto faz um relato sobre a trajetória histórica de experiências da escolarização pública em tempo integral no Brasil, destacando a primeira experiência que foi desenvolvida pelo governo da Bahia na década de 1950. Também descreve outras experiências de educação em tempo integral em épocas e governos diferentes do país. O avanço do pensamento por necessidade, entre educadores e gestores públicos, sobre o aprimoramento da qualidade do ensino público no Brasil em meio ao avanço globalizado de conhecimentos multiculturais, via instrumentos tecnológicos aos olhos das crianças brasileiras. Fala da importância de se pensar o currículo integrado como instrumento educacional além do ambiente escolar. Da necessidade de uma reestruturação de modelos, conteúdos e metodologias educacionais que possibilitem aos educandos se adequar às necessidades exigidas pela pressa da contemporaneidade. Relata também a importância do ensino de arte nas escolas e as possibilidades através de arquiteturas tecnológicas, e como foco principal o audiovisual nas escolas de tempo integral. Descreve também uma experiência em que alunos de uma escola de tempo integral tiveram em oficinas de artes e encerra apresentando uma análise desse percurso.

**Palavras-chave:** Cinema na Escola de tempo integral

## SUMÁRIO

Introdução .....	1
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação e do Programa Mais Educação .....	2
O início da escola integral no Brasil .....	3
Arte educação .....	7
Arte e cultura visual .....	8
As comunidades e a cultura local .....	9
O sentido da arte educação na escola integral .....	10
Currículo, arte e cognição integrados a experiência da imagem midiática .....	12
Arte e sua representação por parte dos alunos .....	15
A imagem dos filmes .....	16
Novas sensibilidades estéticas .....	19
A tecnológica da imagem e educação .....	22
Relato da Experiência .....	22
Análise .....	24
Adolescentes e a arte .....	26
Crianças e a arte .....	27
O FEIMC – Festival de Mini-curtas Crianças .....	29
Adolescentes .....	31
O segundo vídeo .....	34
Considerações finais .....	38
Imagens .....	40
Referências .....	60

## INTRODUÇÃO

### **A educação em tempo integral**

Descrevendo o conceito de escola integral seguindo uma concepção defendida pelo Ministério da Educação que se justifica diante da realidade brasileira em termos de educação, pensando no fato da necessidade de implementar projetos como o Programa Mais Educação e outros, na forma de garantir aos milhões de brasileiros, das camadas mais simples, uma educação integral, sendo ela imbuída de qualidade, emancipadora e também de humanidade para que algumas camadas de nossa sociedade deixem a condição de vulnerabilidade social e de negação a sua identidade e dignidade como membros de um todo. Então “nesse sentido é possível inferir que *integral* significa inteiro, total, portanto defender uma educação completa que conceba o ser humano por inteiro em todas as suas dimensões”. (CRUZ, Tereza 2010). É pensar uma educação que discuta e construa valores como: cidadania, ética na valorização e fortalecimento da identidade étnica de um povo, sua cultura local, de gêneros e valores, por mais simples que sejam, é reconhecer o indivíduo como um igual e num todo, independente de sua condição financeira, tendo portanto também o investimento do reconhecimento destes seres humanos como portadores de valores particulares e essenciais para a construção de uma sociedade sustentável e com justiça social.

## **LDB – LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO E DO PROGRAMA MAIS EDUCAÇÃO**

O Programa Mais Educação instituído pelo governo federal através da portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de Janeiro de 2010 uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) para induzir a ampliação da jornada escola e a organização na perspectiva da Educação Integral. Nesta ação o Governo Federal tenta dar mais um passo na diminuição das desigualdades educacionais e a valorização da diversidade cultural brasileira. Essa é mais uma estratégia para promover a ampliação de oportunidades educativas e sociais, com o objetivo de contribuir com a ampliação de espaços escolares e alcançar áreas mais carentes da população. Conforme descrito no Manual Operacional de Educação Integral, o Decreto nº 7.083/2010, os princípios da Educação Integral são entendidos pelo “direito de aprender como inerente ao direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade e à convivência familiar e comunitária, sendo uma condição ao desenvolvimento de uma sociedade republicana e democrática”. A educação em tempo integral esta presente na legislação educacional brasileira e pode ser encontrada na Constituição Federal, nos artigos 205, 206 e 207; da Constituição Federal, e é descrita no Plano Nacional de Educação (Lei nº 10.179/01) e no Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Básico e de Valorização do Magistério (Lei nº 10.494/2007). No Estatuto da Criança e do Adolescente, nos artigos 34 e 87 contemplam a escola de tempo integral da seguinte forma:

Art. 34 – “A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola”.

2º parágrafo: O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

Art. 87, parágrafo 5º - Serão conjugados todos os esforços objetivando a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral.

As ações do governo federal para a educação em tempo integral no país prevê a formação do estudante além da escola, tendo também a participação da família e da comunidade nesse processo. Sendo que nessa estratégia de ampliação do tempo escolar as articulações entre escolas e comunidades seriam através de ações que contemple: a área da cultura, do esportes, do direitos humanos e do desenvolvimento social. Essas ações veem contemplar antigas reivindicações da sociedade brasileira que através de educadores e pensadores em educação integral já discutiam uma necessidade da população como melhoria na qualidade de vida.

### **O início da escola integral no Brasil**

Desde o início do século XX, a universalização do acesso ao ensino fundamental vem obrigando aos governos temporais e sobretudo as redes escolares, a repensar os modelos de organização e distribuição de recursos (espaciais, financeiros e humanos), em tentativas para ampliar a absorção pelo sistema educacional devido a demanda por vagas na educação formal. A partir de 1930, a sociedade brasileira vem passando por transformações políticas, econômicas e sociais, principalmente em função da transição de uma sociedade pré-capitalista, agrário-comercial, para uma sociedade urbano-industrial e ainda, o crescimento da população urbana. Nesse viés ouve também um crescente aumento da necessidade por uma educação melhor, uma vez que representava um meio de êxito profissional e acesso às posições socialmente valorizadas. Além de outros fatores que contribuíram para a necessidade de se ampliar o sistema escolar do país, fazendo que também ocorressem outras transformações. O Estado passou a intervir em todos os setores da sociedade e também da educação, criando para tanto, na década de 1930, o Ministério de Educação e Saúde Pública e o Conselho Nacional de Educação. As cidades e a população cresciam e também a necessidade de investimentos em vários setores da sociedade além da educação, uma urgência tardiada por conveniências políticas que só aumentavam o problema.

O acelerado processo de urbanização da população brasileira, iniciado na década de 1930, pôs em evidência o atraso em termos de oferta e cobertura escolar em que o Brasil se encontrava. Até meados do século passado, por exemplo, metade da população brasileira maior de 15 anos era analfabeta e mais de  $\frac{1}{4}$  das crianças entre 7 e 10 anos não estavam na escola [Ribeiro (1984:128-9)]. Apud MARINHO, 2010, p.20)<sup>1</sup>.

A expansão quantitativa da rede de ensino estava sendo muito rápida e isso prejudicou em muito o nível de qualidade do ensino devido à extensão de oportunidades educacionais às camadas mais pobres da população. O problema era complexo demais para ser resolvido em pouco tempo isso acarretou a improvisação de espaços e salas e professores além da falta de recursos para atender essa demanda.

A tarefa de matricular na escola milhões de crianças e adolescentes que haviam abandonado ou nunca frequentado os bancos escolares e alfabetizar outros tantos milhões de jovens e adultos se tornava cada vez mais urgente, consequência, em grande parte, das exigências do novo padrão produtivo que se consolidava na segunda metade do século XX. Apud MARINHO, 2010, p.20).

Apesar de todos os problemas e soluções aquém das necessárias a universalização da educação segue a passos curtos segundo a realidade brasileira. Ao longo dessa histórica luta do saber e o aprender encampada por educadores, setores da sociedade civil organizada, fez-se acompanhada de políticas educacionais pensadas por vários governos. Políticas ora inadequadas, ora mal elaboradas. Neste contexto de redimensionamento do próprio papel da escola pública, a questão da qualidade parece emergir como elemento da democratização do saber. Não basta colocar todos na escola, mas sim discutir e procurar formas qualitativas de atender a expansão da escolarização.

---

<sup>1</sup> Em 1950, segundo o Censo Demográfico, do IBGE, 64% dos habitantes do país residiam em zonas rurais. O censo de 1970 já mostrou que a maioria da população estava concentrada nas cidades (56% contra 44%). Em 2010, dos quase 191 milhões de habitantes, 84% estavam no meio urbano e somente 16% no meio rural. Fonte: [http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/tendencias\\_demograficas\\_e\\_de\\_familia\\_24ago12.pdf](http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/tendencias_demograficas_e_de_familia_24ago12.pdf)

A ampliação das funções da escola, de forma a melhor cumprir um papel sócio-integrador, vem ocorrendo por urgente imposição da realidade, e não por uma escolha político-educacional deliberada. Entretanto, a institucionalização do fenômeno pelos sistemas educacionais [...] envolverá escolhas, isto é, envolverá concepções e decisões políticas. Tanto poderão ser desenvolvidos os aspectos inovadores e transformadores embutidos numa prática escolar rica e multidimensional, como poderão ser exacerbados os aspectos reguladores e conservadores inerentes às instituições em geral (CAVALIERE, 2002, p.250 - A política da Educação Integral no Brasil)

Nesse contexto histórico da qualidade na educação pública algumas políticas no início basearam-se em experiências educacionais que foram desenvolvidas em cima das ideias e práticas pedagógicas: a escolarização em tempo integral. O baiano Anísio Spíndola Teixeira (1900-1971), inspirado na teoria sobre reconstrução da experiência e no conceito de educação de John Dewey (1850-1952)<sup>2</sup>, que afirmava a necessidade de se criar oportunidades para que a criança e o adolescente vivenciassem, através da experiência, o modo de vida democrático e assim assegurarmos uma sociedade democrática.

Por volta do final da década de 1940 o então governador da Bahia Otávio Mangabeira (1886- 1960 ), que devido a crescente demanda por vagas nas escolas públicas em seu estado, solicitou ao então secretário de educação e cultura, Anísio Teixeira, que elaborasse um sistema para tentar resolver o grande problema da falta de vagas nas escolas de seu estado. Anísio Teixeira, que era um defensor do escolanovismo<sup>3</sup> e junto a necessidade de se repensar uma escola aos moldes que a sociedade urbana e industrial em crescimento precisava. Era visto que isso envolvia pensar novos currículos, novos programas e também novos pensares docentes.

---

<sup>2</sup> A Contribuição de John Dewey para a Educação: Uma Reflexão sob Ponto de Vista da Educação em Moçambique <http://www.consciencia.org/a-contribuicao-de-john-dewey-para-a-educacao-uma-reflexao-sob-ponto-de-vista-da-educacao-em-mocambique>

<sup>3</sup> Edyr, Paulo, 2004, p. 1) As Primeiras Iniciativas do Escolanovismo em âmbito Internacional e Nacional.

Assim teve o início o projeto da primeira célula do centro educacional popular ao qual Teixeira denominou de Centro Educacional Carneiro Ribeiro – CECR, inaugurado no dia 21 de Outubro de 1950, sendo conhecido como Escola Parque. Nela os alunos eram divididos em pequenos grupos de 20 a 30 alunos de preferências e idades diferentes para poderem realizar tarefas diferentes. As especialidades dos professores contemplavam as atividades de: (em dança, música, teatro, desenho, educação física, artes industriais, biblioteca, recreação e jogos). Os alunos entravam às 7h30min e permaneciam até às 16h30min da tarde. Também o projeto contemplava a construção de moradia para acomodar 5% do total de crianças consideradas sem lar, estes ficariam em regime de internato. Um relato de Anísio Teixeira sobre a situação das crianças daquela época e por que seu projeto era necessário para que essas crianças tivessem um futuro com justiça e dignidade, semelhantes aos que ele e as crianças de boas condições tinham.

Tive, então oportunidade de ponderar que, entre nós, quase toda a infância, com exceção de filhos de famílias abastadas, podia ser considerada abandonada. Pois, com efeito, se tinham pais, não tinham lares em que pudessem ser educados e se, aparentemente tinham escolas, na realidade não as tinham, pois as mesmas haviam passado a simples casas em que as crianças eram recebidas por sessões de poucas horas, para um ensino deficiente e improvisado. No mínimo, as crianças brasileiras, que logram frequentar escolas, estão abandonadas em metade do dia. E este abandono é o bastante para desfazer o que, por acaso, tenha feito a escola na sua sessão matinal ou vespertina. Para remediar isso, sempre me pareceu que deveríamos voltar à escola de tempo integral (TEIXEIRA apud EBOLI, 1971, p. 15 - A política da Educação Integral no Brasil).

O projeto em que Anísio Teixeira esteve à frente constitui-se na primeira experiência brasileira singular de educação pública em escolas de tempo integral. Outras experiências foram vivenciadas no Brasil e que merecem destaque, tais projetos que alavancaram outras experiências de escolarização em tempo integral no país e que ainda são modelos. A exemplo os Ginásios Vocacionais em São Paulo (década de 1960), Os CIEPS no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990, além dos CIACS,

Centros de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente em vários estados do Brasil. A experiência da escola de tempo integral no Brasil ainda tem um longo percurso a cumprir sendo importante jamais esquecer dos pensadores iniciais dessa proposta, de uma educação inovadora, libertadora, rica e condizente com os valores essenciais para o crescimento do intelecto-crítico-social do sujeito.

### **Arte educação**

Até hoje a aspiração dos arte-educadores é influir positivamente no desenvolvimento cultural dos estudantes por meio do conhecimento de arte que inclui a potencialização da recepção crítica e a produção e de acordo com (Barbosa 2006 p. 98), A arte educação é a intermediação entre arte e público e ensino da arte, é compromisso com a continuidade e/ou com currículo quer seja formal ou informal. A arte também capacita o indivíduo a não serem estranhos em seu meio ambiente nem estrangeiros em seu próprio país, pois supera o estado de despersonalização e insere o indivíduo no lugar ao qual pertence, reforçando e ampliando seus horizontes e lugares no mundo e assim serem identificados em seu meio social como um igual e de possibilidades e valores.

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolvendo a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e a desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada [...]. (Barbosa, Ana 2006 p/ 100)

## **Arte e cultura visual**

As representações da arte e seus significados simbólicos, que se relacionam com as várias formas de cultura visual, são aspectos complementares da arte. Vindo de vários lugares, dentro e fora da escola, essas referências externas fragmentadas, podem ser mediante o contexto estudado, tão importantes, quanto currículos de matérias sequenciais escritos. O currículo externo a qual as crianças e adolescentes estão constantemente submetidos não deve ser desprezado, deve ser tratado com grande importância para a formação deles como indivíduos atuantes na sociedade.

Um aspecto importante da apropriação da cultura visual em educação refere-se à integração intergráfica que ocorre na mente das pessoas quando encontram imagens (Freedman apud Barbosa, 2006).

A pessoas são capazes de se lembrar e de integrar uma ampla gama de imagens e de significados a elas associados. A produção artística dos alunos é uma ilustração visual dessa integração conceitual. (Barbosa, 2006, p. 138).

As crianças e adolescentes de hoje estão em constante confronto com novas formas visuais e cada imagem ou objeto publicitário tem seu significado que vai muito além da imagem o do objetivo proposto. O currículo externo representado por cada imagem gráfica como uma única e isolada parcela da gama que é vista pelos alunos e de significados isolados e que devem ser entendido pelos alunos. No entanto em muitas escolas o que é considerado arte com frequência inspira-se em imagens populares e de massa, e isso deveria ser discutido em aula. O arte-educador deve tomar uma posição política definida para que o aluno não caia num consenso de cultura de massa e sim trabalhar os conflitos para que a arte e o processo em conheça-la se torne desafiador e instigante. Ensinar requer responsabilidade, é um dever do arte-educador ensinar esses significados, mesmo que os significados gerem conflitos.

Alunos são aprendizes ativos e constroem significados individuais por meio da experiência, mas alguns significados comuns são construídos pelas crianças por meio da experiência coletiva da mídia. Nesse caso, o significado cultural não pode ser aquele o “preferido”, mas antes o construído por um grupo que é parte de um público mais amplo. (Barbosa, 2006 p. 141).

### **As comunidades e a cultura local**

No Brasil se fala e se projetam politicamente ações educativas com base em pequenas comunidades urbanas, há projetos divulgados por quase todo o território nacional através das mídias a exemplo do governo federal<sup>4</sup>. Ações implementadas para remediar certas realidades e conceder a essas pessoas opções de melhoria de qualidade de vida. O Brasil é um país muito grande e os investimentos ainda são poucos e as vezes mal distribuídos. Ressaltando que algumas ONGs, Instituições particulares e até prefeituras, vem trabalhando com projetos de educação nas pequenas comunidades urbanas em suas cidades.

Oferecendo uma posição conciliatória nesta tensão, a arte/educação baseada na comunidade contribuí com uma concepção de arte que combina várias categorias do fazer artístico, inclusive, por exemplo, tradições regionais, artesanato local, arte tradicionalmente produzida por mulheres, arte popular, mídia etc. Todas essas formas são valorizadas igualmente enquanto parte integral da cultura da comunidade. (Barbosa, 2006 p. 229).

De acordo com Ana Mae Barbosa, para Freire a alfabetização é baseada na noção de que o ato de ler e escrever a palavra inicia da leitura do mundo, visto que o ser humano sempre buscou conhecer o significado do mundo a sua volta, sua existência e sentido. Para Paulo Freire “nós humanos somos os únicos seres capazes de executar a

---

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.brasil.gov.br/sobre/educacao/sistema-educacional/programas-e-acoas>

operação complexa de transformar o mundo simultaneamente através de nossas ações e expressar essas ações através de uma linguagem criativa”. Entendemos que há certa similaridade entre o processo de ler textos e a interpretação de outras linguagens criativas, como a arte. Interpretar criticamente um texto para revelar sob uma outra perspectiva, contextos e circunstâncias históricas dos autores e dos leitores dessas obras. Essa criticidade é particular e demonstra quem o sujeito é no mundo e a qual objetivo e lugar pertencem no mundo. Para Freire o ato de ler transforma a consciência do leitor fazendo-o adquirir uma nova consciência da historicidade e a possibilidade de questionar criticamente e transformar o mundo.

Ana Mae Barbosa (1992) elaborou uma noção de alfabetização visual que tem semelhanças com as ideias de Freire. Ela sugeriu que a alfabetização visual promove a identidade cultural e a integração social. Interpretar e produzir imagens são habilidades integradas pelas quais é possível perceber e analisar nossa(s) cultura(s). [...] O processo tanto para Paulo Freire quanto para Ana Mae Barbosa, é essencialmente político e envolve a conscientização de nosso pertencimento histórico e cultural, o qual norteia nossa reflexão crítica e participação social. (Barbosa, 2006 p. 230).

### **O sentido da arte educação na escola integral**

Ensinar arte não depende só da instrumentalização do professor, da capacidade que ele adquiriu em anos de estudo e experiências adquiridas em inúmeras aulas de arte, ensinar arte é uma obrigação moral que os profissionais da arte-educação deveriam reconhecer. Os educadores que não são formados em arte, mas estão a frente de turmas de artes em escolas públicas, eles também são corresponsáveis por esse dever no ensino da arte, pois abraçaram a causa. A importância desse campo do conhecimento para o desenvolvimento da criança e o adolescente no mundo é uma realidade, como aponta Lucia Pimentel.

A arte é inerente ao ser humano. Todos os povos, em todos os tempos, atuaram no campo artístico. A iniciação artística não depende do ensinamento, da escola, de professor, mas é preciso que não sofra bloqueio para que possa se desenvolver. (Pimentel, 1991 p.5)

Lucia Pimentel descreve a arte como forma integradora de sentir e perceber o mundo e o real, e que a criança e o adolescente precisam perceber o mundo e aprender a se relacionar com ele e a realidade deste mundo, (p. 7) “relacionar com outras realidades sentidas/percebidas, de articular conhecimentos e formular conceitos”. É necessário para o desenvolvimento de toda criança e adolescente extrapolar suas realidades, perceber o invisível a sua volta, criar e inverter fantasias e daí adquirir conhecimentos que poderão se transformar em inovações reais. O professor deve estudar o seu grupo de alunos para poder perceber que em cada grupo de alunos existirá os que lidam melhor com as palavras, outros gostam de interpretar, outros gostam de trabalhar com tintas, outros gostam de desenhos, outros gostam de músicas. Então cabe ao professor estar bem preparado, curricular e artisticamente, é preciso ter instrumentos de diálogo para entender essas diferenças de interação com os diferentes elementos das artes.

De pronto o professor verificará que alguns alunos se interessam e produzem mais em Artes Plásticas, outros em Música, outros Jogos Dramáticos, e assim por diante. Aos poucos poderá desenvolver em cada grupo atividades diferentes, de modo a que um complemente o outro. (Pimentel, 1991 p. 9).

Cada sociedade em seu tempo tem a sua arte e formas de expressão dessa arte, e através delas a sua cultura se forma com seus elementos sociais e simbólicos que transmitem essas características na concretização das experiências imagéticas e sensoriais para permanência de sua cultura.

É importante desde cedo que o professor mostre ao aluno obras de arte, músicas, peças de teatro, espetáculos de dança (tanto consagrados quanto contemporâneos) fazendo observações, informando e chamando a atenção para detalhes importantes em termos de arte no contexto da época em que foram produzidos. (Pimentel, 1991 p. 13).

Fazendo um recorte sobre um setor das artes que é muito presente e de grande importância nas comunidades, especialmente nas mais carentes das áreas urbanas dos grandes centros. Nesse campo em que as artes fazem um papel social fundamental hoje em dia, são elas, as manifestações de “arte pública”, como práticas interdisciplinares, de grande importância e suas relações com as comunidades locais, pois promovem eventos de “democratização cultural”, as interações através das “intervenções urbanas” dialogam com o meio físico-social das comunidades, gerando questionamentos tanto na ordem simbólica quanto na ordem prática.

### **Currículo, arte e cognição integrados a experiência da imagem midiática.**

A escola em tempo integral deveria ser uma exigência da sociedade como necessidade de um aprimoramento em termos de educação, para criança e o adolescente ter mais contato com outros saberes, porque o currículo regular ao qual vem sendo submetidos já não atende a demanda por conhecimento, visto que os alunos são mais questionadores nessa era da tecnologia. Como então tornar a arte-educação mais significativa e que ela desempenhe um papel importante na integração entre currículos. Existe muito interesse na integração entre currículos, evidenciado pelas várias publicações a respeito desse assunto. Além disso, muitas práticas são realizadas por professores interessados em que a arte seja posta num lugar importante da área do conhecimento.

O currículo integrado consiste, essencialmente, em ensinar para obter significado e compreensão. Não é uma questão de programar o dia da escola nem de usar determinados métodos de ensino, como determinados tipos de ideias com as quais nenhuma disciplina é capaz de lidar sozinha. [...] A integração ocorre quando a aprendizagem faz sentido para os estudantes, especialmente quando a conectam com os próprios interesses, experiências de mundo e vida. (Barbosa, 2006 p. 296).

No currículo integrado o estudante tende a ter um currículo sobre realizações possíveis e que impulsionam perguntas sobre outras questões que contemplam e transcendem os limites das disciplinas acadêmicas.

Isso não significa que não é preciso ensinar disciplinas. Em um currículo integrado, as disciplinas são compreendidas como ferramentas, formas de organizar o conhecimento que podem ser usadas para pensar problemas. (Barbosa, 2006, p. 297).

A importância que se deve ao currículo integrado permite ao educando e ao aluno a sensação de libertação, da prisão a regras acadêmicas, de seguir receitas previamente ditadas na lousa, para melhora do desempenho mental. Esse formato de catalogação mecânica de imagens, fórmulas e textos barrando a compreensão e o desenvolvimento de criticidade e assim desprezando as experiências vivenciadas por eles fora da escola.

Muitas das experiências dos estudantes são mediadas pela TV, cinema, videogames, revistas, quadrinhos e publicidade. [...] Mitchell, por exemplo, fala de nossa cultura como se tivesse ocorrido uma “reviravolta visual” que tem profundamente mudado seu caráter (Mitchell, 1994), o que ele lastima. (Barbosa, 2006 p. 302).

Sendo um processo mais exigente que os currículos normais o currículo integrado significa que o professor deve-se ser apto a trabalhar com a interdisciplinaridade, estar mais focado não só na matéria em que domina, mas integrar outros conhecimentos de outras áreas. Cabendo a ele elaborar um formato em que esses assuntos também sejam postos como base em uma aula de arte, daí portanto buscar ideias, técnicas de expressão que se encaixe no tema e que dele se expanda através de análises dos alunos. No caso do uso dos dispositivos midiáticos eletrônicos na escola integral, o enfoque desta pesquisa, suas aplicabilidades devem ser estudadas mais a fundo para que através dessas ferramentas tecnológicas, tão cotidiana na vida da criança e do adolescente de hoje possam ampliar a fruição por parte deles do conhecimento de artes

e de valores essenciais em seu desenvolvimento como sujeitos pertencentes e importantes em seu meio.

Hoje na era da tecnologia da urgência, da pressa em adquirir, transmitir conteúdos, virtuais ou não, na era do entretenimento gratuito, da comercialização da informação e de formação de opiniões políticas ou não, da descaracterização da família como formadora básica do sujeito. Tem-se discutido muito o uso das atuais tecnologias para a educação, como meio de ampliação do alcançar as comunidades mais distantes e da ampliação do conhecimento e preparo técnico profissional. Então cabe relatar um pouco sobre como esse meio tecnológico chegou a ser usado no início. Na maioria das escolas não havia setor de informática ou mesmo uma sala de vídeo, além dos educadores não serem preparados para lidar com tais equipamentos.

Antes dos CDROM e DVDs as escolas que possuíam salas de vídeos expunham seus alunos a cansativas horas com vídeos e slides sobre obras de arte com imagens e textos longos e filosóficos que não traziam nenhum benefícios à arte. Tais salas são usadas ainda com o uso não direcionado das tecnologias, são passados filmes e desenhos para entreter e aquietar os alunos. Na verdade é um desperdício de equipamento e tempo.

O avanço tecnológico vem sendo comemorado como a grande revolução de nosso tempo, mas tem sido estudada quase que somente como recurso operacional na grande maioria das escolas, pelo que se percebe no ensino de trabalhos de digitação, formatações gráficas e tabelas ou quando muito não estão inseridos em meio a jogos poucos produtivos e que apenas divertem, sem a preocupação de estudá-los como instrumentos virtuais de ensino e de possibilidades de agregar conhecimento cultural ou social tecnológico e processo criador. Ana Mae Barbosa já destaca as inúmeras implicações que a tecnologia traz ao indivíduo.

Percepção, memória, mimesis, história, política, identidade, experiência, cognição são hoje mediadas pela tecnologia. A tecnologia é assimilada pelo indivíduo de modo a reforçar sua autoridade, mas pode também mascarar estratégias de dominação exercidas de fora. O fator diferencial dessas duas hipóteses é a consciência crítica. A cultura contemporânea ao inter-relacionar a necessidade e expressão, criou o ambiente propício para a integração da inteligência, da emoção e da tecnologia transformando a cognição em uma forma de consumo que estimula a imaginação. Participação, representação, desejo, criação, expressão são conceitos transformados pela ação da tecnologia. (Barbosa, 2006, p. 111)

As milhares de imagens que são expostas diariamente aos nossos olhos das mais variadas formas e que são uma forma poderosa de representação, talvez representem aquilo que nos falta ou nos fazem sentir a necessidade de algo. A estética e beleza além do signo ao qual esta ligada a imagem e a que se destina a ser, seja uma obra de arte ou uma propaganda de roupas, imagens gráficas ou mesmo um filme. As imagens nos fazem assimilá-las de forma que nos trazem prazer em observá-las e uma certa necessidade de continuação na observação. O significado dos signos emerge de outros significados interpretados em nossas mentes por suas representações.

### **Arte e sua representação por parte dos alunos**

Para continuarmos o estudo sobre a arte e sua representação e como a criança e o adolescente são reféns das mídias modernas, a propaganda feita pelos publicitários não só vendem produtos com as imagens, mas também vendem políticas, elas dialogam com as pessoas por meio de mensagens sobre beleza, identidade, desejo e poder para tentar moldar a consciência de massa. O processo é bem ilustrado pela propaganda que visa estabelecer significados em relação a signos, ela relaciona conjuntos arbitrários de significados escritos e visuais que carregam em si certas

associações culturais para criar uma nova hiper-realidade, uma forma didática para moldar ou criar personalidades para fins consumistas.

O estudo da apropriação das representações da propaganda em relação a gênero, feitos por Beach e Freedman (1992), demonstraram que os alunos quase sempre se colocam conceitualmente nos comerciais e até usam o mundo ficcional da propaganda como padrão de comparação com a realidade, julgando-a sob a ótica desse padrão. Esse estudo indicou que os alunos não veem essas imagens criticamente, a menos que sejam ensinados a fazê-lo. O resultado é que a apropriação das imagens pode se transformar em conhecimento (assim como estereótipos de gênero), inconsistente com os objetivos da escolarização (assim como equidade). (Barbosa 2006, p. 129, 130)

### **A imagem dos filmes**

Quando se produz um filme ou um comercial os cineastas procuram usar dos mais variados meios gráficos e projetos de cores, os design de personagens, dos cenários, dos efeitos de luz e atmosferas, pensam em todos os tipos de recursos possíveis. São reproduções estudadas e baseadas em diversos pensamentos das artes, como neo-realismo, o expressionismo e o surrealismo, essas e outras formas. Na era globalizada esses recursos são apropriados e reciclados pelos mais variados tipos de veículos e inseridos nos roteiros, o guarda roupa, da seleção de personagens e personalidades e das várias técnicas fotográficas. Além de combinar esses artifícios a fragmentos de relatos ficcionais e históricos.

Justapõem esses fragmentos de forma diversa a realidade, criando uma nova realidade no processo. A arte é usada como conteúdo nos filmes, com o propósito de criar uma história interessante, de passar uma mensagem social, de emocionar, de reforçar um valor moral, de marcar uma posição política etc. Essas funções da arte em filmes resultam em interpretações intencionais e não-intencionais, que solidificam idéias antigas e geram outras novas a respeito da arte. (Barbosa, 2006, p. 132).

Percebe-se a importância e responsabilidade de uma veiculação da imagem seja em qualquer tipo de mídia gráfica, estática ou de movimento, o alcance que ela atinge e suas repercussões. Entre ser fantasia e realidade não muda muito, pois o que conta é a mensagem enviada, a força de uma imagem ou filme, trata a memória de várias maneiras. O espectador é transportado a lugares em que jamais imaginara ir, mas que já existem em sua memória, devidos as inúmeras visualizações antigas que já existiam em sua mente. O cinema, por exemplo, é capaz de abrir a percepção do indivíduo, fazendo-o desligar-se momentaneamente de sua realidade para fazê-lo adentrar a uma outra realidade construída nas telas. “O que os olhos vêem, os ouvidos ouvem, o cérebro registra. Através desses meios audiovisuais, viaja-se entre o real e o imaginário, uma hora são espectadores outras horas atores, transpomos o tempo e o espaço, penetramos em lugares nunca percorridos ou desejados”. SOARES , p. 14. Esse lugar da hiper-realidade pode moldar a consciência do sujeito tornando-o quase dependente daquela realidade, na primazia concepção de torna-lo um consumidor de outras novas hiper-realidade. E assim transformando a *realidade real* do indivíduo que passa a mesclar as duas realidades em uma só, visto por comportamentos, roupas, linguajar e conceitos. Uma educação em artes bem estruturada nas escolas de tempo integral, com projetos e de posse de instrumentos vídeo-gráficos a favor da arte-educação, podem ser usados como porta de acesso a experiências integradoras em muitos aspectos. As escolas devem dar atenção aos instrumentos usados, no caso os videográficos, como ferramentas de interação entre os alunos para se estabelecer vínculos sociais, individuais de pertencimento a uma cultura, que propicie o desenvolvimento do sujeito como um todo.

### **Novas sensibilidades estéticas**

No atual viés tecnológico contemporâneo em que estamos, é preciso pensar e programar com muito cuidado projetos e planejamentos de Arte-Educação numa escola

de tempo integral, é preciso ter em conta a diversidade do “capital cultural” dos alunos a que se quer desenvolver uma ideia. Na dinâmica em que se encontra a transitoriedade ou na velocidade com que os contextos culturais e valores se modificam ou se transformam, cabe pensar o papel das artes nessa dinâmica contemporânea.

As culturas juvenis estão constituídas de uma dupla cumplicidade cognitiva e expressiva, que dá lugar a novas formas de perceber e de criar, conformadas em grande parte pelas qualidades estéticas dos meios e dos instrumentos eletrônicos (Aguirre, 2006; Barbero, 2005) – nos relatos e imagens das mídias, em suas sonoridades, em suas fragmentações e velocidade, em seu idioma e seu ritmo, nos quais os jovens encontram as categorias com as quais articulam novos modos de perceber e de narrar (Marcellán y Aguirre, 2008). (Aguirre, 2021, p. 46).

Em constante transformação estão os repertórios da cultura visual e do mundo da música, que são propiciadores de articulação do imaginário dos jovens, além dos ícones dos esportes que sensibilizam, invadem os lares e os corpos das crianças e adolescentes, principalmente no caso dos meninos. Além da esfera afetiva, família e amigos.

Nas imagens de sua preferência, evidenciam mais inclinação pelo pitoresco, pelo grotesco, pelo humorístico ou pelo horrível – isto é, por sentimentos ou sensações de grande intensidade emotiva, próprios da cultura do espetáculo, do que por outras mais sutis ou delicadas. (Aguirre, 2021, p. 47).

As experiências estéticas dos jovens de hoje, está no alto índice de narratividade, na intensidade emotiva, na velocidade, expressiva de movimentos e cores além dos efeitos visuais. Os tons escuros e sombrios das narrativas de filmes, jogos, revistas, a morte como vida e pirotecnia visual de movimentos e efeitos, são componentes essenciais dos produtos visuais mais arquetípos das experiências estéticas dos jovens da atualidade.

## **A tecnologia da imagem e educação**

O evento da fotografia ainda impactava o olhar dos espectadores através de suas composições marcantes e sensíveis, quando se iniciou o movimento de um conjunto de imagens, e logo veio o cinema em por volta dos anos (20), uma nova forma de narrativa que se aproximava da realidade.

O cinema recria o mundo como um texto, cuja escrita não depende de uma caneta ou de um lápis, nem de uma obra escrita sob os princípios da revolução de Gutenberg, da escrita impressa, mas sim de uma nova sintaxe, que nos convoca para a imagem em movimento e, em seguida, ao som, para mais tarde incorporar a animação e a realidade virtual. (JIMENEZ, 2021 p. 61).

As inovações tecnológicas que vieram depois dela complementam a magia de possibilidades da imagem que mudaram radicalmente os limites da percepção como a televisão, a internet, que encurtaram distâncias globais, a migração maciça de informações e objetos digitais, culturais, praticamente de todas as regiões do mundo via *links* e outros meios, um fluxo que foi se expandindo e se consolidando porque a internet e a comunicação eletrônica em tempo real tornou isso possível de qualquer ponto do planeta.

“A popularização da tecnologia do vídeo e a revolução do celular e dos reprodutores de DVD portáteis, dos dispositivos de áudio, até chegar aos I-pods e aos celulares que agora transmitem música e imagem, confirmam que a tecnologia se incorporou a muitos rincões da vida cotidiana, e especialmente entre as crianças, que já nasceram e cresceram em ambientes tecnológicos, mesmo quando não têm acesso a esses aparelhos”. (JIMENEZ, 2021 p. 62).

No caso da educação pública no Brasil pouco se vê desse avanço tecnológico e seus possíveis benefícios como dispositivos capazes de ajudar na fruição do conhecimento e criticidade. As crianças já chegam às aulas com informações adquiridas por vários meios de sublimação de informações, tal é a velocidade com que amadurecem as

perguntas e questionamentos e o professor tem apenas um quadro negro. Sendo a escola um lugar de encontros de: diálogos, conflitos e encontros entre experiências visuais, Os meios tecnológicos deveriam também ser usados para ajudar a esses alunos a compreenderem essas informações adquiridas de forma avulsa e sem critérios. “As pessoas em interação com as mídias tornam-se mediadoras destas, assim como as mídias tornam-se mediadoras entre as pessoas”. (PORTO, 2002, p.3 - apud Soares, 2010 p.10).

Apesar da pressa e necessidade de se implementar o uso dessas mídias nas escolas é importante salientar que o uso das tecnologias deve ser estudado, para que através de seus recursos a educação venha a ganhar elementos que possibilitem ao educando uma apropriação além do uso da tecnologia e que elas não sejam apenas ferramentas de auxílio no ensino das matérias curriculares. A tecnologia deve ser trabalhada para que seu uso possa ser acarretador de mudanças em si e os alunos possam adquirir um conhecimento mais amplo das informações que são submetidos e assim julga-las criticamente e não apenas de fragmentos de determinados assuntos sem relação com suas vidas reais e futuro.

"as inovações tecnológicas não significam inovações pedagógicas. Por meio de recursos considerados inovadores, reproduzem as mesmas atitudes, o mesmo paradigma educacional pelo qual fomos formados. Não basta trocar de metodologia, sem antes de reformular a sua prática, porque senão estaremos repetindo os mesmos erros. Devemos (...) compreender a tecnologia para além do artefato, recuperando sua dimensão humana e social." ( Correa 2002, p.44 - apud Soares, 2010 p.11).

O uso da utilização dessas tecnologias da imagem nos espaços escolares e que junto com os alunos sob um planejamento bem direcionado pode ser um diferencial para as atividades educativas principalmente nas escolas de tempo integral. Hoje o uso do vídeo no contexto escolar se torna necessário, pois proporciona aproximação da sala

de aula à realidade da era midiática. Em geral, o vídeo parte do concreto, do visível, do imediato que atua em muitos sentidos. Ao nosso alcance teremos: recortes visuais que nos permitem experimentar sensações através dos efeitos sonoros e visuais proporcionados por essa tecnologia.

Tanto o vídeo como a mídia televisiva, se bem empregado pelo professor, enriquecem a aula e o ambiente escolar e proporcionam uma aprendizagem mais significativa, considerando que “somos tocados pela comunicação televisa sensorial, emocional e racionalmente” (Fiorentini, 2001, p.25 – apud Soares, 2010 p.14).

Se bem administrado o processo de vídeo e TV na escola, as formas de se trabalhar nessa linguagem são inúmeras: gráficas, sonoras, textuais, que poderiam propiciar a interação de modo mais rápido, e assim estimulando as emoções, desejos, fantasias e a percepção através dos sentidos. Podem auxiliar aos alunos a se compreenderem melhor, a se perceberem no mundo como integrantes em constante movimento de parceria com sua realidade e com a sociedade. “É certo que a mídia televisiva desempenha um papel importante na socialização do ser humano, influenciando o modo de vestir, falar, pensar, além de comportamentos e valores. Atua como referencial para jovens, crianças e adultos quanto à forma de ser e de agir.” SOARES, 2010, p.13. O que se percebe, na minha opinião, é que os projetos de escolas de tempo integral ainda são esboços do que necessariamente deveriam ser, é preciso perceber que as salas de aula estão em processo de transformação e que o uso das chamadas tecnologias da informação e comunicação tornaram-se elementos importantes para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem nas escolas. A oportunidade de se trabalhar projetos que visem o uso dessas mídias em prol da educação devem ser experimentados enquanto pesquisa agora, porque é urgente a necessidade que as nossas crianças e adolescentes tem de aprender mais com elas e os professores precisam ser capacitados para essa nova era da educação. O ambiente integral nas

escolas é propício para essa oportunidade e é dever dos educadores e gestores observarem com mais carinho essa necessidade educacional.

### **Relato da Experiência**

Como aluno de bacharelado em Cinema de animação e de disciplinas da área de licenciatura em artes da Escola de Belas Artes, percebi que havia a possibilidade de trabalhar com alunos da escola integrada, um projeto que envolvesse o Cinema em animação. Então como bolsista do PEI, propus desenvolver um projeto em que eu pudesse trabalhar com os alunos o tema da “animação” e que durante o processo, outros trabalhos ligados às artes seriam desenvolvidos. Os bolsistas tinham uma carga horária de 20 horas semanais, sendo 16 horas na escola integrada e 4 horas restante seriam para os encontros de orientação do programa.

A direção da escola Municipal Santa Terezinha queria que eu pintasse o muro externo da escola, além das oficinas com os alunos. Tendo insistido no projeto que contemplasse animação sendo a pintura um dos meios para executá-la, encaminhei o projeto para os responsáveis, tanto do PEI, quanto da escola Santa Terezinha. A ideia do projeto denominado “Muro Animado” era de intervir na parte externa dos muros da escola Santa Terezinha, buscando contribuir para a interação entre os alunos da escola integrada, a comunidade escolar e a comunidade local.

A proposta era de realizar com alunos a produção de uma narrativa pintada no muro, trabalhando a pintura parcelada para criar a ideia de movimento e mesclando as cenas estáticas com pequenos vídeos para compor a narrativa. Após essa etapa partiríamos para a edição do filme. O projeto consistia numa narrativa sobre como as drogas chegam às mãos das crianças que estão fora do convívio escolar. Mostrando a tentativa de invasão pelas drogas no ambiente escolar e como a união entre alunos, à comunidade e suas famílias, podem reagir para derrotar esse mal. Com a diretoria de

acordo e disposta a ajudar, escrevi o roteiro das oficinas. A ideia era de que, após um percurso de aprendizagem, em pequenas oficinas práticas, os alunos pudessem começar a desenvolver a animação no muro da escola.

Nas oficinas, cada sequência da narrativa era trabalhada onde os alunos pudessem compreender de forma prática e simples um pouco sobre a criação de roteiro, storyboard, desenho de personagens, animação em 2D. Também assistiram alguns vídeos sobre animação em pixelation e stop-motion, além de trabalhar algumas técnicas como: desenhos livres, stencil, molde vazado, pintura, fotografia e filmagens. Depois de algumas semanas do início das oficinas a direção da escola apresentou a possibilidade da escola participar de um concurso de mini-curtas feito pela prefeitura de Belo Horizonte, denominado de FEIMC. Convencido a participar por já estarmos fazendo um projeto de animação, então conversamos e explicamos para os alunos como era o concurso e seus benefícios.

O muro externo seria o pano de fundo da história, e o tema seria: “Comunidade viva, Eu sou daqui”, onde a narrativa seria sobre o bairro Santa Terezinha, sua formação e constituição como lugar seguro para se viver. As turmas de crianças e adolescentes, não poderiam participar juntas devido aos horários serem diferentes, então, foi feitos dois projetos, uma animação com os adolescentes e uma ficção com as crianças. Cada filme teria um roteiro diferente e no percurso dos trabalhos, os alunos além dos desenhos e pinturas, participariam também nos trabalhos de fotografia e filmagens.

Decorrendo as oficinas, os filmes terminaram e foram entregues dentro do prazo do concurso. Terminado essa etapa, reiniciamos os trabalhos do projeto inicial do “Muro animado”, agora só com a turma de adolescentes devido ao tempo que faltava para o término de meu contrato com a escola. Os trabalhos das oficinas correram conforme feito nos vídeos do FEIMC, organizamos as atividades, definimos as funções de cada um e os separamos em grupos a fim de intercalar as participações durante o período

que restava. E assim foram realizadas as pinturas e filmagens, além da edição do vídeo. O processo todo se iniciou no dia 24 de Março de 2012, foi feito registro em vídeo e fotografias pelos alunos e por mim dos três projetos, tanto das pinturas do concurso para o FEIMC, quanto das pinturas do “Muro animado”.

### **Análise**

Para iniciar a análise da experiência vivenciada por mim como bolsista-monitor descrito no relato acima, vou descrever um pouco do momento da escola integrada na época. A escola Santa Terezinha no ano de 2012 dependia da autorização para o aluguel de um imóvel, que seria usado para as atividades com os alunos da escola integrada. Durante o meu contrato na escola, não havia ainda um lugar para as atividades serem desenvolvidas, mas era necessário continuar atendendo a comunidade. A escola priorizou as famílias mais necessitadas, as que não tinham com quem deixar os filhos ou pagar uma pessoa para ficar com eles no horário em que não estavam na escola. Era importante tirar as crianças e adolescentes da ociosidade do lar e das ruas.

Relembrando do que Anísio Teixeira descreve sobre as crianças de sua época, como se não tivessem famílias, porque numa parte do dia estavam na escola e na outra parte, o aprendizado era esquecido pelo pouco tempo de permanência na escola, talvez daí a preocupação em se aceitar essas crianças mesmo sem condições. Se pesarmos as responsabilidades como educadores, a de se concordar que a atitude da escola se justifica, pois a escola integral é um “direito inerente à vida do cidadão”, como relata o Manual Operacional de Educação Integral. Então cabe perceber que a escola é obrigada moral e politicamente a receber os alunos.

A minha permanência na escola era de apenas 20 horas semanais e tendo de trabalhar com turmas de idades diferentes, dois dias da semana seriam com o 3º ciclo na parte

da manhã e dois dias com o 1º e 2º ciclos na parte da tarde. Minha opção era de trabalhar a animação só com os adolescentes, por terem mais habilidades e maior facilidade de compreender as aulas. Sendo convencido pela direção da escola e orientado pela coordenação do PEI, resolvi trabalhar com as duas turmas.

A expectativa da novidade de um novo professor na escola tem seus benefícios e sendo um professor que é apresentado como aluno de Cinema de animação, causou um efeito de surpresa, admiração e expectativa por parte dos alunos, especialmente daqueles que gostam desse tema como passatempo, através do cinema, da televisão, internet e também lembro que é raro uma oficina desse tema numa escola. Mas de início a expectativa pela novidade durou certo tempo, pois nem todos gostavam de artes, principalmente de desenhar, então cabia a mim chamar a atenção deles para as oficinas. Tanto as crianças quanto os adolescentes da escola integrada, precisavam de aulas de artes. Não podiam ficar só com brincadeiras de colorir preenchimentos de elementos contornados, ou brincar de bola na quadra. É importante que desde cedo as crianças tenham contato com as artes, para desenvolverem a percepção, a imaginação, a capacidade crítica e a capacidade criadora em suas vidas.

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolvendo a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e a desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada. (Barbosa, 2006 p. 100).

Antes de continuar seria adequado falar sobre a organização das oficinas na escola integrada ao qual eu participava. A prefeitura de Belo Horizonte nessa ação educacional de escolas de tempo integral, pela urgência política, necessitava de profissionais para trabalhar com os alunos. Tendo firmado parcerias com várias universidades para suporte a uma educação de qualidade, mas também o projeto

contemplava parcerias com pessoas das comunidades, assim nas escolas havia pessoas com pouco preparo para trabalhar como monitores. Então que era constante nas oficinas eram oficinas de filmes e desenhos para distrair os alunos, jogos de futebol sem critérios e em detrimento de outros esportes, decorações de festas populares sem o objetivo de explicar o porquê das cores e símbolos. Aconteciam também oficinas para colorir cópias, além de momentos de danças sob o regime de músicas de novelas e funk na hora do recreio e do almoço. Essa temática era constante na escola. É bom frisar que por esforços de alguns monitores, acontecia uma ou outra oficina de danças, de artesanato, culinária, músicas da cultura brasileira, além de aulas de informática mais produtivas.

O embate da maioria dos monitores, mesmo os da própria UFMG eram contra a falta de apoio das escolas em relação a materiais e espaço para as atividades, que projetavam para desenvolver com os alunos. Alguns, até os monitores da própria comunidade de diziam descontentes por suas oficinas não acontecerem devido ao calendário da escola e a falta de investimento nelas. Quanto ao ensino de arte em específico em minhas oficinas, posso dizer que fui um afortunado. Mesmo tendo passado por vários problemas, as oficinas aconteciam e os projetos foram concluídos. A direção da escola investiu em meus projetos, pois acarretavam um benefício para os alunos e mais ainda para a escola, porque a exposição do muro externo dava uma boa visibilidade à atual gestão da escola, mesmo sendo uma necessidade moral com a comunidade. Ressalto que o muro externo nunca havia recebido um trabalho como esse e era constante alvo de pichações.

### **Adolescentes e a arte**

Sem o imóvel que seria usado para a escola integrada, a quantidade de alunos era bem reduzida, as turmas tinham horários e atividades definidas: em quadra, artesanato,

informática e artes. A quadra e a sala de informática tinham a preferência dos alunos, então eu trabalhava com os alunos que não queriam estar ali comigo, no caso dos adolescentes. Nessa rotina fomos trabalhando em pequenas oficinas, com desenhos de personagens, desenho facial a partir de geométricos, uma oficina de animação com desenhos que iam sendo fotografados à medida que eram completados. Sempre pensando em ensinar e desenvolver as oficinas objetivando o projeto de animação. Sendo os mais velhos eram mais instáveis, em fase de questionamentos, alguns com problemas familiares e de várias complexidades, algumas vezes perdia-se o dia porque faltavam alunos por estarem interessados na quadra de futebol, ou não queriam participar e atrapalhavam o desenvolvimento das oficinas. Ressalto que alguns compreendiam o processo de animação, outros se aplicavam nos desenhos de personagens, mas a constância de disputa entre a quadra e a sala de informática pelos jogos era exaustiva. Na constante insistência de valorizar a oficina e que ela seria benéfica para eles, às vezes na proposta de me aproximar deles, passávamos o tempo da aula conversando enquanto ia desenvolvendo os trabalhos.

### **Crianças e a arte**

No período da tarde a quantidade de alunos era maior e as crianças gostavam de trabalhar com artes, mas a desorganização e disputa por local para as oficinas tornavam-nas às vezes inúteis, eram sempre atrapalhadas, não pelos alunos, mas pela própria escola, porque as oficinas aconteciam aonde dava, num corredor ou num espaço vago, sem cobertura e sem privacidade para desenvolvê-las. Apesar disso, mesmo sendo alguns alunos instáveis, desenvolvemos um “desenhão<sup>5</sup>”, pinturas com rolo de tinta, recorte de molde vazado, colagens. Com as crianças o processo transcorria numa perspectiva melhor, a experiência com tintas sempre os instigava,

---

<sup>5</sup> O Desenhão era feito com várias folhas grandes de papel coladas lado-a-lado onde todas as crianças desenham e pintam juntas.

gostavam de pintar, de lidar com as cores, a experiência do “desenhão” e do molde vazado, foram um sucesso, eu os instigava dizendo que precisavam aprender a pintar, para podermos fazer o grafite no muro lá fora.

Alguns tinham problemas em lidar com pincéis, outros com as tintas, outros os mais instáveis com a divisão do espaço para pintar e outros se dispersavam e atrapalhavam a aula. Observei que apesar das dificuldades e instabilidades de alguns e a falta de sala, a fruição em arte estava sendo alcançada, porque era sempre questionado por eles, quando iríamos pintar novamente e quando iríamos pintar o muro. A possibilidade deles em pintar o muro lá fora os instigava, porque aludia a pichação, perguntavam quando seria a pichação, quando iríamos lá pra fora, como se fosse um sintoma de rebeldia, sendo que confundiam o *Grafite* com a pichação. Motivo de constante reforço em explicar que o *Grafite* é uma expressão diferente da pichação. Os muros do bairro eram em sua maioria pichados, sendo uma referência para os alunos, os grupos de pichadores tinham ligações com alunos dentro da escola, alguns eram alunos e estimulava os colegas a fazer o mesmo, por ser para eles, uma ação normal e ao mesmo a rebeldia os tornava importantes no grupo.

Então, entre aulas vazias, passeios, dispersão, brigas, brincadeira e jogos, foi assim até a chegada das férias, mas antes das aulas acabarem a escola recebeu um convite para participar do Festival das Escolas Integrada de Mini-Curtas, o FEIMC<sup>6</sup>, que a Prefeitura de Belo Horizonte realizava desde o ano anterior. Convencido pela coordenação da integrada a participar do concurso, porque o meu projeto era de animação, fui ter com os alunos, conversamos, explicamos como era o concurso e seus benefícios, nem todos queriam participar, pois não conseguiam objetivar e que seria muito trabalhoso. O tema proposto pelo concurso era: “Comunidade viva, Eu sou daqui”, onde a escola

---

<sup>6</sup> Evento que a Prefeitura de Belo Horizonte realizava onde alunos das escolas integradas participavam com o desenvolvimento de vídeos de animação, ficção e documentário.

deveria falar sobre o bairro, sua formação e constituição como lugar seguro e querido pelos moradores e da escola como um lugar do bem e de pertencimento.

## **O FEIMC – Festival de Mini-curtas**

### **Crianças**

Terminado as férias e já definido que eu precisaria ficar quatro dias de manhã e quatro dias a tarde como voluntário, para que as crianças pudessem participar do Festival de Mini-curtas. Resolvido que seria um vídeo de ficção com as crianças do turno da tarde, por ser mais fácil de ser desenvolvido. O turno da tarde era menor e não podíamos ficar com as crianças por muito tempo do lado de fora da escola, por motivo de segurança e do horário do lanche da tarde. Então, com um roteiro diferente preparei o *storyboard*, com indicação de poses e falas, pulamos algumas fases, mas que seriam explicadas nos ensaios.

Um ponto importante é que o regulamento do concurso exigia um documento assinado pelos pais, autorizando a exposição dos alunos pela prefeitura na internet. Tal documento quase desmontou todo o processo, a maioria dos pais assinou o documento, compreenderam que era uma oportunidade de seus filhos realizarem uma atividade diferente, algo que lhes serviria de destaque na escola e no seio familiar, porque observavam isso nos filhos, no comportamento em casa. Mas outros pais em contrapartida se recusavam a assinar o documento devido a exatamente isso, a exposição dos filhos na internet, o medo da visibilidade, pois ficariam a vista de supostos pedófilos ou algo pior. Penso que esses pais, em não querendo assinar o documento, é mediante o receio pela privacidade dos filhos, pela saúde deles, a recusa até se justifica, mas por falta de conhecimento ou mesmo do acompanhamento das

atividades dos filhos e ainda pela pouca importância dada ao programa da escola integrada.

Muitas crianças queriam participar, mas não poderíamos trabalhar com todas. Na escolha dos alunos para as funções, resolvemos usar critérios, uma vez que [...] *de pronto o professor verificará que alguns alunos se interessam e produzem mais em Artes Plásticas, outros em Música, outros Jogos Dramáticos, e assim por diante* (Pimentel. 1991 p.9). Então escolhemos os que tinham mais habilidades e facilidades para interpretar e outros que sabiam manusear uma câmera e outros por comportamento. Antes de dividi-los em grupos e estabelecer lideranças, apresentamos algumas funções e suas características, como diretor, sua importância na equipe de filmagens, a produção, o que faz para que o filme dê certo, os atores, que tinham de saber ler bem, o câmera, sua responsabilidade e cuidados nas gravações. Assim como os adolescentes, assistiam novelas, filmes, desenhos, se imaginavam como atores, mas não sabiam o que era uma ficção ou mesmo sobre gêneros de filmes. Nos ensaios é que seriam dadas as explicações sobre, poses, enquadramentos, tempos, atuação, figurino, iluminação etc.

Um ponto a se destacar quanto as filmagens com as crianças, é a excitação deles diante de uma câmera, mesmo sendo crianças da era da imagem, dos vídeos e dos efeitos, acostumadas a serem fotografadas e filmadas pelos pais. Querem filmar e fotografar. O manuseio do equipamento causa nas crianças certa excitação pelo fato de perceberem a possibilidade da produção de um filme, mesmo sem o conhecimento do equipamento ou das possibilidades artísticas dessa ferramenta tão atual para eles. Mais que os adolescentes, queriam ensaiar, repetir as cenas, se imaginavam como atores, diretores e corrigiam os que erravam nas gravações. Tanto nos ensaios e nas gravações do áudio, o trabalho com as crianças, foi bastante produtivo e gratificante. As crianças estão ainda em fase de crescimento e o aprendizado com eles se dá de forma diferente, são mais suscitas as orientações, atendem com mais respeito, não

questionam tanto, talvez por estarem acostumadas a regras da escola. Tudo aquilo é novidade para eles ainda, são impacientes também, se não questionam, querem é fazer, experimentar, mas não na mesma proporção como os adolescentes. Mesmo sendo crianças que lidam com câmeras digitais, celulares, computadores, essas tecnologias que fazem parte de seu dia-a-dia, o intuito das aulas de cinema era de apresentar essas ferramentas, no caso da câmera para filmar e fotografar, como ferramentas além da simples operação da máquina.

### **Adolescentes**

A escola queria só trabalhar o concurso com adolescentes, o foco para a escola Santa Terezinha era a animação, porque que a maioria das escolas integradas não tinham um bolsista-monitor que estudasse animação. Além da exposição da escola, o premio era importante. Escolhido os alunos que iriam trabalhar no projeto, conversamos sobre as atividades de cada um no processo, escolhi dois alunos que sabiam desenhar para desenharem e os demais pintassem, também para fotografar e filmar. Cada um tinha uma função na equipe, essa definição tinha de ser feita para que se empenhassem mais no processo. Como o grupo era pequeno, uma exigência minha, cada aluno tinha duas funções que poderiam escolher entre: diretor, roteirista, câmera, fotógrafo, produtor, auxiliar de produção e figurinista. Além de disso, todos seriam atores. Começamos as atividades, os adolescentes estavam mais acostumados a lidar com uma câmera, estavam mais familiarizados com um computador e instrumentos sonoros do que as crianças. Como contemporâneos da era digital, de acesso fácil a internet, são consumistas virtuais, assimilam mais rápido as tecnologia modernas, além de consumirem alguns produtos delas como jogos, desenhos animados, filmes de efeitos tecnológicos, o funk etc. Suas percepções da arte são mediadas por esses meios,

destaca ainda Barbosa, são “aprendizes ativos” “e constroem significados individuais por meio da experiência coletiva da mídia” (Barbosa, 2006 p.141).

Muitas das experiências dos estudantes são mediadas pela TV, cinema, videogames, revistas, quadrinhos e publicidade. Uma importante mudança em anos recentes é o aumento de materiais visuais nesses meios. A cultura popular de massa é agora predominantemente visual. Ela é mais comunicada por meio de imagens visuais, usualmente acompanhada de palavras, textos e quase sempre de algum tipo de som. (Barbosa, 2006, p. 302).

Para a criação do roteiro, de acordo com o tema, foi feita uma pesquisa sobre a história do bairro Santa Terezinha. Vale destacar que um dos alunos lembrou que a escola tinha publicado um texto referente ao bairro e se dispôs a buscá-lo. Os alunos se propuseram a entrevistar dois senhores, antigos moradores que ficavam regularmente próximos à escola, e conheciam bem a história do bairro, ressaltando a disposição desse aluno que se dispôs junto com uma aluna a gravar uma entrevista com essas personagens da comunidade. O ato de buscar informações que apenas essas pessoas tinham sobre o bairro, instigava-os a conhecer a história da comunidade e atuarem como repórteres. Isso tornava a atividade mais atraente, além de investir num processo que julgavam importante para o projeto. Diferente do currículo padrão, com matérias de interpretação, catalogação ou fixação de textos e fórmulas, o cinema faz com que não só as relações humanas se estreitem, mas também, permite ao aluno resgatar valores históricos que estavam quase perdidos ou escondidos da comunidade. Um das ideias do concurso era sobre isso mesmo, o contato dos alunos com a comunidade local, construindo assim interações além dos muros da escola.

Uma exigência do concurso era que se usassem as ferramentas com que as crianças e adolescentes da escola integrada estavam acostumados, como celulares, câmeras digitais e mp3 para fazerem os vídeos. A oportunidade da filmagem seguindo um roteiro era novidade para eles, de vivenciarem a experiência como agentes de um processo

mediático, semelhante aos que estavam acostumados a ver apenas através da televisão ou cinema.

A cultura contemporânea ao inter-relacionar a necessidade e expressão, criou o ambiente propício para a integração da inteligência, da emoção e da tecnologia transformando a cognição em uma forma de consumo que estimula a imaginação. Participação, representação, desejo, criação, expressão são conceitos transformados pela ação da tecnologia. (Barbosa, 2006, p. 111).

A escola não podia liberar o equipamento para os alunos nos finais de semana, então o encontro com os personagens não aconteceu, mas o livro sobre o bairro foi encontrado. Então propus uma dinâmica, para a criação do roteiro baseado no livro, onde cada aluno criava uma parte da história a partir da ideia do aluno anterior. Pela falta de tempo e na dificuldade dos alunos em escrever uma história, escrevi eu mesmo o roteiro, deixando para os alunos a realização do *Storyboard*. Seguindo os trabalhos, as oficinas ocorriam da seguinte forma, o tempo era quase que todo o horário do turno da manhã, sendo assim até o término do projeto do concurso. Tivemos uma oficina para aprenderem o ciclo de caminhada, onde eles eram os personagens, usamos fotografia para registro dos passos e ensaios de movimentos e expressões. Tão logo terminamos as sequências de fotos, partimos para os desenhos e pinturas no muro externo. Na organização da equipe, improvisamos crachás, tripé, coletes para salientar as funções de cada um na equipe, o que foi aceito como grande importância pelos alunos, pois serem responsáveis por algo os animava a continuar no processo.

As oficinas aconteciam com tranquilidade, pois o interesse era visível, na disposição dos alunos, devido da constante expectativa pela oportunidade pelo prêmio do concurso. As pinturas e as filmagens transcorriam rapidamente com alguns percalços sem causar grandes prejuízos ao projeto, os alunos se revezavam nas atividades para que o filme ficasse pronto a tempo. No projeto do FEIMC, para animação outros dois monitores participaram, o monitor de informática, na edição e a monitora de educação

ambiental na composição musical, sendo que no recorte e na edição final apenas eu trabalhei. Quando a entidade escolar se insere no contexto de que ela é coparticipante de qualquer atividade como investidor principal, as realizações, sejam de quaisquer disciplinas, acontecem. Como descrito antes, a exposição da escola estava em destaque então o investimento era necessário.

### **O segundo vídeo**

Após terminado os vídeos para o concurso, retomamos os trabalhos para o vídeo do projeto “Muro animado”, para que fosse completado antes das chuvas e o fim de meu contrato com a escola. Após uma reunião com a direção das escola, resolvemos que apenas os alunos do turno da manhã participariam desse projeto. Então outra reunião, agora com os alunos para a escolha das atividades e atribuições que eram as seguintes: composição de tinta, pintura, desenho, fotografia e filmagem. Cada aluno tinha de escolher duas funções para que houvesse o revezamento com um colega no dia e para a escolhas das turmas durante a semana. Foi necessário a intervenção da direção da escola em incluí-los nessa experiência, pois seria importante para eles, o que era o propósito do projeto. Os questionamentos dos alunos foram muitos, a maioria sentiu-se imposta numa coisa que não queriam, outros por já terem participado do FEIMC e também por esse novo projeto não ser premiado.

Relembrando uma constante nas outras oficinas, sendo o bairro um reduto de pichadores, os alunos diziam que não adiantava pintar o muro, pois ele seria pichado logo em seguida, diziam que os grupos de pichadores não deixariam a gente terminar. Bom exatamente após o segundo dia de pintura, encontramos o muro pichado, nosso trabalho tinha sido perdido. Após uma conversa com a direção de que medidas seriam tomadas, foi decidido que recomeçaríamos de onde paramos e no final essa parte do muro pichado seria refeita. Depois de inúmeras explicações dos alunos de que não ia

adiantar e afirmando que o muro não seria pichado de novo, iniciamos os trabalhos. As atividades das equipes por dia eram da seguinte forma: os desenhistas trabalhavam de acordo com o *storyboard*, depois os pintores faziam o acabamento, um aluno tirava fotos, acompanhando o trajeto dos desenhos e das pinturas, outro aluno fazia filmagens de pequenas tomadas de 2 a 4 minutos que seriam usadas para montar o *making-off*. Cada dia era um grupo diferente de alunos. O processo de execução do vídeo “Muro Animado” foi no ritmo e condições parecidas às quais se deram as oficinas de animação dos vídeos para o concurso do FEIMC.

A experiência com o cinema, além da novidade, acarretou algumas modificações de comportamentos e potencialidades por parte deles. Alguns alunos que eram de certo modo, tímidos, outros tidos como problemáticos, por problemas em casa, começaram a se expressar com mais facilidade, a respeitar outros alunos e os adultos. Outros que se negavam a fazer alguma atividade, depois do contato com a pintura e as ferramentas para o filme mudaram de comportamento e até discutiam possíveis alterações no projeto. De acordo com Ana Mae Barbosa, a arte possibilita ao sujeito, ser encontrado no mundo e ao ser encontrado, é identificado como um igual e de possibilidades e valores, então deixando de ser um estrangeiro em seu próprio território. A escola é um lugar de encontros, diálogos e conflitos entre currículos, entre crianças e adolescentes que se interagem através dos meios virtuais que permite outra forma de relação entre pessoas. As referências deles não são mais os pais ou os professores, agora são personagens móveis e que se transformam conforme o mercado e assim as crianças e adolescentes absorvem parte desse perfil para suas vidas como meios de compartilhamento emotivo entre eles. Lembrando que os correios eletrônicos e mídias de interação social são uma constante em suas vidas, lidar com essa interação virtual que se completa ou continua dentro das salas de aula é um dos complicadores de um professor seja de arte ou não. Não tendo base de pesquisa para afirmar se a experiência dos alunos com o cinema na escola, foi que acarretou tais mudanças de

comportamento. Mas notar o fato de se tirar o aluno do regime padrão de ensino e incluí-los numa dinâmica próxima a sua realidade é importante para sua vida como sujeito. Sendo personagens midiáticos, suas experiências no dia-a-dia, podem trazer à tona, experiências com a imagem e arte da mídia e assim poder refletir isso nas atividades. Além de fazerem parte de um contexto, sob um propósito real, onde as operações tem de ser ajustadas para darem certo, lembrando que cada membro da equipe na sua função tem determinadas obrigações.

Cada dia das atividades do filme era diferente. Na troca de alunos, outros eram instruídos nas mesmas atividades e assim poderíamos manter um ciclo de trabalho, onde todos pudessem participar. Alguns alunos se empenhavam mais que os outros, porque entenderam o processo da animação que estava sendo feita, nisso já não dependiam mais de instruções, eles já estavam inteirados da história que seria contada, do trajeto de trabalhos que seria feito. Os alunos incumbidos da fotografia eram orientados sobre iluminação, resolução de imagem, e a fotografarem o processo a cada 4 minutos para que registrassem a evolução dos trabalhos. Mas eram orientados quanto à liberdade das poses, sendo vedado fotos fora do contexto ali vivido e imagens de caráter sensual. Nos mesmos moldes da fotografia, os alunos incumbidos das filmagens eram orientados quanto aos enquadramentos, iluminação, duração dos vídeos, que teriam de ser apenas de 2 a 4 minutos, tinham uma maior responsabilidade porque esses vídeos seriam inseridos no *making-off*.

Ao perceberem o equipamento nas mãos, mesmo sendo uma máquina simples, mas que remete aos mesmos dispositivos de interação entre os adolescentes contemporâneos, a exemplo dos vídeos na internet. Isso faz emergir neles desejos de se expressar, da necessidade de compartilhar particularidades, de experimentar ângulos e efeitos, de provocar reações nos colegas. Tais mudanças provocadas talvez pelas responsabilidades além do costume por eles vividos, pois procuravam participar das atividades. A maioria dos alunos trabalhavam com alegria, a experiência do filme os

acalmava, não que fosse a intenção das oficinas, mas acontecia de modo natural. Não havia imposições nas oficinas, a partir das metas traçadas e à medida que as pinturas avançavam e a história se completava eles iam percebendo a realização da obra.

Pesando todo o percurso foi um avanço na escola integrada Santa Terezinha, porque antes, os alunos tinham oficinas de pinturas, oficinas para colorir desenhos contornados, pinturas com moldes prontos, de fabricar enfeites para comemorações. Não que sejam ruins, pois havia o experimento, mas não havia o objetivo de se aplicar como conhecimento e não os instigava a novas produções. A saída da escola suscitou em grande experiência para aquelas crianças e adolescentes, a novidade de múltiplas experiências que a arte do cinema pode proporcionar para eles. O lado externo da escola os influenciava, a oportunidade da saída remete a liberdade da opressão causada pela cobrança de notas, o contato com as pessoas na rua. A oportunidade de se exporem do lado de fora como sujeitos causadores de benefícios para à comunidade. Na verdade são sujeitos importantes e cabe a escola, o professor e a família além da comunidade, reconhecer isso, sujeitos importantes para a continuação da comunidade. O cinema na escola pode ser trabalhado para que o potencial individual do aluno, às vezes renegado ou remodelado por conveniências familiares, seja encontrado e explorado. A tecnologia da imagem deve ser amplamente explorada no ambiente escola, mas ser imbuído de compromisso em ensinar e não entreter, uma ferramenta de agregação de valor sócio humano na vida do estudante.

## **Considerações finais**

Imagino ainda um longo caminho para a educação brasileira neste mundo globalizado, onde o avanço tecnológico que nos é apresentado todos os dias e a quantidade de imagens que consumimos pelas mídias diariamente modificam as formas de pensar. Imagens que são veiculadas de várias formas e podem criar múltiplas possibilidades de narrativas visuais e que transportam expressões de diversas conotações. Nossas crianças e adolescentes que recebem e pactuam simultaneamente com esse mundo mais moderno, mais rápido e mais agressivo e que dialogam com transformações imagéticas, sendo tais imagens possíveis tutores de suas personalidades. Num país onde a educação ainda é pobre para a maioria da população e esse avanço tecnológico não entra como suporte do conhecimento ainda, é preocupante pensar o futuro da educação no Brasil.

Neste cenário, os educadores buscam uma educação digna para crianças e adolescentes, que estão em meio a uma luta de interações entre culturas que se transformam conforme o mercado global, econômico e político. É importante salientar a necessidade dessa atualização para a educação brasileira, os educadores precisam se reciclar, adequar a essa nova era para não ficarem aquém e nem refém desse conhecimento visual e tecnológico. O cinema pode ser incluído como uma ferramenta de suma importância como material didático nesse processo. A arte no espaço escolar é permeada de práticas que visam o apreciar e ao fazer artístico, o conhecimento da história dos objetos artísticos que foram produzidos pela humanidade. A arte precisa ser mais valorizada nas escolas e o cinema pode ser um instrumento para se fazer essa reaproximação, entre o aluno e a arte, além de ser um elemento de ligação para as outras disciplinas. Cabe aos educadores pensarem nisso porque o cinema é uma expressão da arte que se modifica juntamente com a sociedade que se transforma constantemente e está ligado aos dispositivos tecnológicos atuais. Descobrir as possibilidades que o cinema, ou o vídeo pode alcançar no ensino de crianças e

adolescentes é bastante gratificante e instigante. Além desse instrumento tecnológico ser propiciador da afloração de personalidades e como recurso didático pode possibilitar ao aluno a fruição do conhecimento, bastando ser bem direcionado. Volto a dizer que a TV é muito usada nas escolas, mas como entretenimento. O vídeo, se bem utilizado, pode abordar diferentes funções da arte na sociedade e a própria programação da TV, podendo ser um ótimo recurso nessa temática, como veículo agregador de conhecimento da arte. Citando um exemplo sobre as novelas em salas de aula, são imagens muito referenciadas pelas crianças e adolescentes brasileiras. Podem ser trabalhados seus elementos estruturais como: cores, a narrativa, atuação, iluminação, figurino, cenário, personagens etc. Cada um desses elementos pode ser usado como reagente para se chegar à disciplina ou temática que o professor desejar, basta que ele esteja preparado para isso. Assim o professor estará usando o material da cultura de massa para fazer com que os alunos saiam do entretenimento e partam para a pesquisa de conhecimento. O percurso que passei nos projetos na escola integrada me foram de uma aprendizagem maravilhosa, impossível medir apenas como satisfação por ter feito algo de bom. Aprendi até mais do que ensinei e como alguns alunos, modifiquei meu olhar para o ensino da arte. Hoje imagino a arte nas escolas sendo talvez a mais importante das disciplinas, é a única, imagino, que pode ser trabalhada em conjunto com todas as outras de uma só vez. Resgatar o valor do ensino da arte, penso que deve ser uma meta para todos os arte-educadores e artistas desse país.

**Imagens:**

Crianças



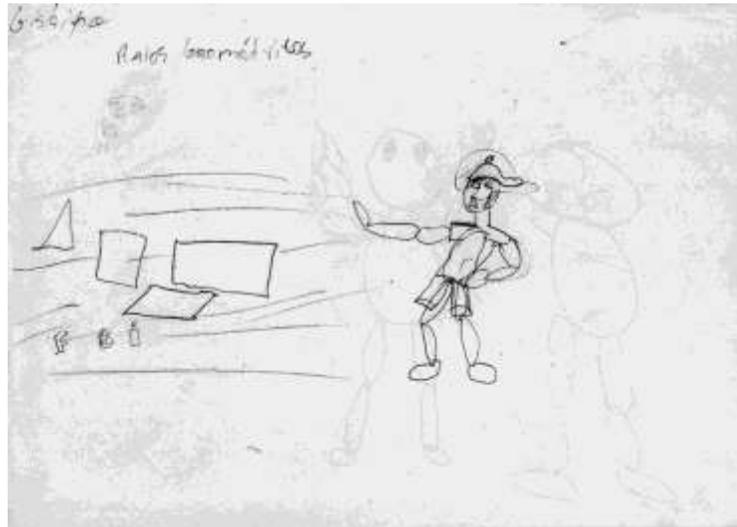


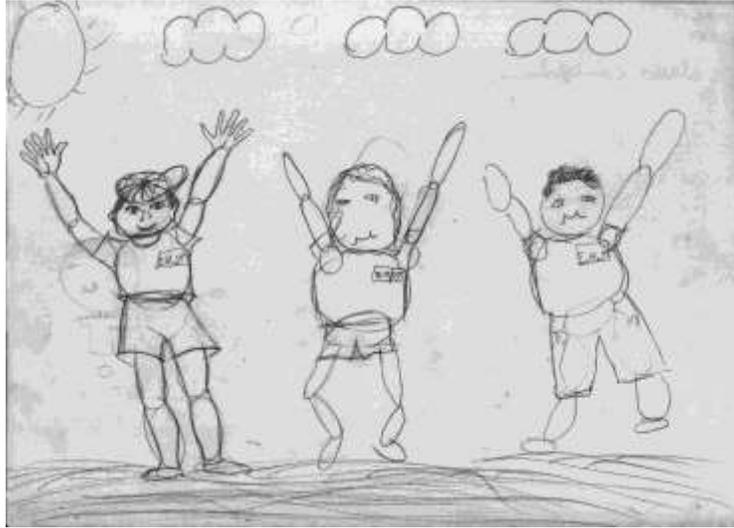


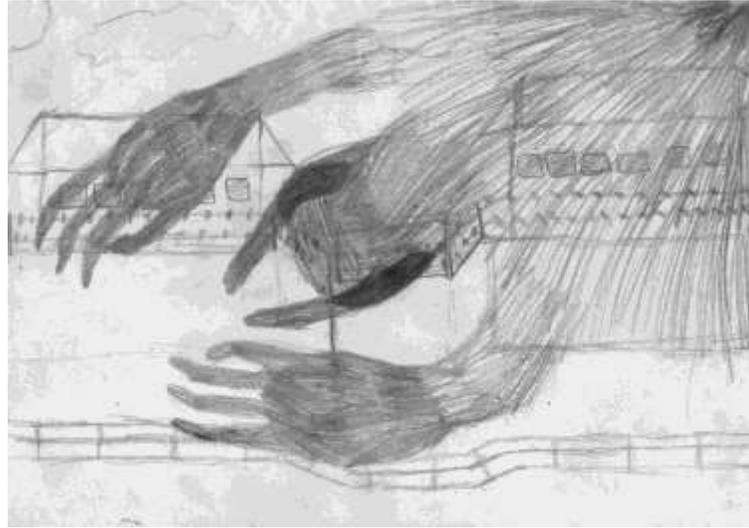
Adolescentes









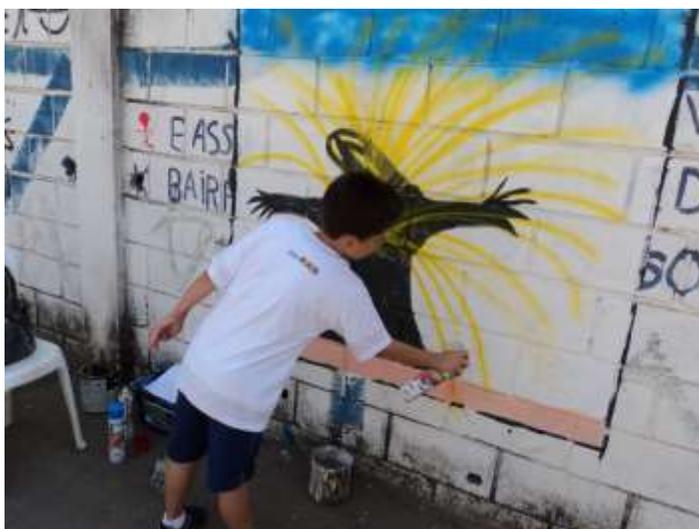


























## Referências Bibliográficas:

### SITES:

MARINHO, Dalcio Marinho Gonçalves, **Universalização da Educação Básica no Brasil**. Utopia para a construção de uma educação integral, 2010. Disponível em: [http://www.ence.ibge.gov.br/c/document\\_library/get\\_file?uuid=65e84a98-8041-4a9d-b1c0-446f52463b02&groupId=37690208](http://www.ence.ibge.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=65e84a98-8041-4a9d-b1c0-446f52463b02&groupId=37690208) Acesso em 27/5/2013

Edyr, Paulo. Paulo Edyr Bueno de Camargos. **As Primeiras Iniciativas do Escolanovismo em âmbito Internacional e Nacional**: A Transposição das Experiências de caráter privado para o público. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis13/art5\\_13.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/revis/revis13/art5_13.pdf) Acesso em 24/6/2013

**Manual Operacional de Educação Integral**. Brasília: Ministério da Educação, 2012. Disponível em: [http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom\\_docman%26task%3Ddoc\\_download%26gid%3D11452%26Itemid%3D&ei=pRFsUfXBJois8ATMzoHICQ&usg=AFQjCNGRSehCmE-A1rJ8yI9VZC36Lpm58w&sig2=k2pNjYPuTW5cQUsHrVF\\_JA&bvm=bv.45175338,d.eWU](http://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&frm=1&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CCsQFjAA&url=http%3A%2F%2Fportal.mec.gov.br%2Findex.php%3Foption%3Dcom_docman%26task%3Ddoc_download%26gid%3D11452%26Itemid%3D&ei=pRFsUfXBJois8ATMzoHICQ&usg=AFQjCNGRSehCmE-A1rJ8yI9VZC36Lpm58w&sig2=k2pNjYPuTW5cQUsHrVF_JA&bvm=bv.45175338,d.eWU) Acesso em 27/4/2013

CRUZ, Tereza da Cruz. **A política da Educação Integral no Brasil**, O conceito de educação integral. 2012. Disponível em: <http://www.artigos.etc.br/a-politica-da-educacao-integral-no-brasil.html>. Acesso em 27/4/2013

SOARES, Adriana Soares Lourenço dos Santos, **O uso do vídeo na escola de tempo integral**. Rio do Sul: Secretaria de Educação a Distância – SEED/MEC, 2010. Disponível em: [http://nead.riogrande.ifrs.edu.br/midias/Ciclo%20Avancado%20-%20\(2009-2010\)/POLO%20FLORIAN%20POLIS/Adriana%20Soares%20Louren%20E7o%20dos%20Santos.PDF](http://nead.riogrande.ifrs.edu.br/midias/Ciclo%20Avancado%20-%20(2009-2010)/POLO%20FLORIAN%20POLIS/Adriana%20Soares%20Louren%20E7o%20dos%20Santos.PDF). Acesso em: 6/5/2013

ADRIANA SOARES LOURENÇO DOS SANTOS. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Rio Grande – FURGSEED/MEC, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação – Lato-Sensu – SC06 (Florianópolis). Orientador: Dra. Prof. Maria Suzana Marc Amoretti  
O uso do vídeo na escola de tempo integral

PORTO, Tânia M. Esperon. As Mídias e os Processos comunicacionais na formação docente da escola. Disponível em: <<http://www.anped.org.br>>. Acesso em 19 jun. 2009.

CORREA, Juliane. Novas Tecnologias da informação e da comunicação: novas: novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, Carla Viana (org) Novas Tecnologias, novos textos, novas formas de pensar. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p.43-50.

FIORENTINI, L. M. R.; CARNEIRO, V. L. Q. (org.). **TV na escola e os desafios de hoje**: Curso de extensão para Professores do Ensino Fundamental e médio da Rede Pública. Unirede e Seed/Mec. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. v.1, 2e 3.

José Eustáquio Diniz Alves. Doutor em Demografia e Professor da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE. ([jed\\_alves@yahoo.com.br](mailto:jed_alves@yahoo.com.br)). Suzana Cavenaghi. Doutora em Demografia e Professora da Escola Nacional de Ciências Estatísticas - ENCE/IBGE. **Tendências demográficas, dos domicílios e das famílias no Brasil**. Apresentam seus pontos de vista em caráter pessoal. Artigo publicado no dia 25/08/2012 em Aparte Inclusão Social em Debate. Disponível em: [http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/tendencias\\_demograficas\\_e\\_de\\_familia\\_24ago12.pdf](http://www.ie.ufrj.br/aparte/pdfs/tendencias_demograficas_e_de_familia_24ago12.pdf)  
Acessado em: 25/06/2013

#### LIVROS:

BARBOSA, Ana Mae Barbosa. **Arte/Educação Contemporânea – Consonâncias Internacionais**, Ana Mae Barbosa (org.) São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa Pimentel. **Arte Educação, Uma prática de vida**, Lucia Gouvêa Pimentel: Colaboração de Antônio Kattah, Altino Pimenta, Myriam Tavares. Belo Horizonte, Imprensa Universitária/UFMG, 1991

JIMENEZ, Lucina; AGUIRRE, Imanol; PIMENTEL, Lucia G. (Coords.). **Educação Artística, cultura e cidadania**. Madrid: Fundação Santillana, s.d. (Metas Educativas 2012)